

## **A representatividade negra lésbica nas mídias: outras feminilidades possíveis**

**Allyne da Silva Teixeira<sup>1</sup>**

**Samilo Takara<sup>2</sup>**

**Resumo:** O presente artigo problematiza a representatividade lésbica negra a partir da análise midiática do episódio *Thanksgiving* da série *Master of None*, exibida pela Netflix (2017), que conta a história de Denise uma mulher negra e lésbica desde a sua infância até a idade adulta. Denise recebe de sua mãe cobranças para que a mesma se enquadre na feminilidade padrão principalmente através de sua vestimenta. Utilizando como base metodológica os modos de endereçamento, que consiste em responder à pergunta: Quem esse filme pensa que eu sou? Como é realizada a definição de um público ao qual se destina ou não uma obra. Problematizo como os marcadores de gênero, sexualidade e raça se interseccionam, nas opressões vividas por mulheres negras lésbicas.

**Palavras-chave:** Educação. Mídias. Lésbicas negras. Racismo. Sexualidades.

---

<sup>1</sup> Especialista em Gênero e Diversidade na Escola pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Graduada em Produção Audiovisual pela Universidade Estácio de Sá (UNESA). Email: allynepinheiroprod@gmail.com.

<sup>2</sup> Professor da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e docente do Programa de Pós-Graduação em Educação. Pós-Doutor em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina/PR. Doutor e mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá/PR.. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Estudos Culturais e Educação Contemporânea (GEPECEC/UNIR). Email: samilo@unir.br.

Empreendo neste artigo a análise do episódio Thanksgiving oitavo episódio da segunda temporada da série Master Of None da Netflix (2017) com base nos modos de endereçamento. Os modos de endereçamento consistem em responder a seguinte pergunta: Quem esse filme pensa que eu sou? No meu caso, série, ou seja, Quem esse episódio pensa que eu sou? Ao longo do artigo será possível identificar minha resposta a essa pergunta e a resposta que o roteiro da a mesma. Problematizo como os marcadores de gênero, sexualidade e raça se interseccionam, nas opressões vividas por mulheres negras lésbicas.

Lena Waithe roteirista (do episódio) e atriz da série, foi a primeira mulher negra e lésbica a receber um Prêmio Emmy<sup>3</sup> (2017) de melhor roteiro de comédia na sexagésima nona edição do prêmio. Em entrevista, a autora/atriz afirma que essa história era para uma pessoa apenas, ela mesma. Não imaginava que tantas pessoas pudessem ser tocadas pela sua história. Esse episódio *Thanksgiving* é quase autobiográfico, pois a história de Denise (personagem da série) se mistura às vivências de Lena Waithe. A fala de Lena Waithe sobre acreditar que havia feito um episódio apenas para si vai de encontro e diverge de um dos conceitos dos modos de endereçamento:

Os filmes, assim como as cartas, os livros, os comerciais de televisão, são feitos para alguém. Eles visam e imaginam determinados públicos. Entretanto, os diretores de cinema, os roteiristas, os produtores e os proprietários de salas de cinema estão, com frequência, distanciados dos espectadores “reais” ou “concretos”. As distâncias podem ser econômicas, temporais, sociais, geográficas, ideológicas, de gênero, de raça. (ELLSWORTH, 2001, p. 13)

---

<sup>3</sup> *Emmy* é um prêmio de origem estadunidense de iniciativa da Academia de Artes e Ciências da Televisão (ATAS). Sua primeira cerimônia ocorreu em 25 de janeiro de 1949 e inicialmente premiava apenas produções locais (na área de Los Angeles). Na década de 1950 o prêmio passou a ser nacional para homenagear programas exibidos por todo o país (EUA) na televisão aberta. Em 1970 é consolidado o *International Emmy Award* para homenagear programas produzidos e exibidos fora dos Estados Unidos da América (EUA). O prêmio até então somente Emmy após uma expansão no ano de 1974 é criada a *versão Daytime Emmy Award* para programas diurnos e os prêmios anteriores a estas divisões são listados como *Primetime Emmy Awards* especificamente para programas do horário nobre e assim diferenciá-los. O *Emmy* é considerado um dos quatro maiores prêmios estadunidenses, sendo os outros o *Grammy* (para música), o *Oscar* (para filme) e o *Tony* (para teatro).

Acreditando ter feito um episódio apenas para si, não havia distanciamento da autora e sua espectadora que neste caso é real. Lena Waithe, pode ter sua fala motivada pela falta de ser ver representada nas mídias, pois produções que sejam direcionadas para mulheres negras e lésbicas são raras. De acordo com Lena Waithe e baseado nos modos de endereçamento, o episódio era restrito a uma única pessoa (público), mas as histórias das personagens da série vão ao encontro com histórias pessoais de mulheres negras lésbicas que, assim como eu, viam pouca ou nenhuma representação próxima de si.

As mídias apresentam pouca ou nenhuma diversidade em suas produções sejam elas raciais, sexuais e de gênero e quando as apresenta é estereotipada, sem subjetividades em suas personagens. Assim, como Lena Waithe mulheres negras e lésbicas tendem a achar que são as únicas passando por tais situações. O mesmo também ocorre no momento em que uma pessoa se percebe LGBTQIA+, até que encontre pessoas que compartilham de semelhanças em suas vivências, todo esse processo é solitário.

Assistir Thanksgiving foi significativo mesmo que adulta e tendo entendimento da minha orientação sexual lésbica anterior ao mesmo, quando vejo a trajetória de Denise ao longo dos anos percebo que falta fez em minha vida o contato com a representatividade que a série proporciona. A série inclusive abriu o diálogo com minha mãe, mesmo que eu tenha me assumido em 2015 (aos 26 anos) somente em 2019 que esse entendimento aconteceu.

Dias após assistirmos o episódio conversamos e ela falou sobre o que sentiu em 2015 suas preocupações, minha mãe precisou de tempo para assimilar, mas sempre me respeitou assim como Catherine, que falarei sobre adiante. Ter acesso a mídias como essa me fez vislumbrar que assistir algo assim teria me ajudado a me entender mais cedo e/ou questionar essa heterossexualidade compulsória desse lugar de mulher negra.

### **Diferentes histórias e personagens: problematizando as narrativas**

Vejo algumas semelhanças entre nossas histórias e as diferenças não me afastam de Denise, porque as escolhas de Lena Waithe em seu roteiro me acolheram como espectadora. Diferente de narrativas que falam sobre, mas que eu não sou ou não me vejo como a espectadora pela qual foi endereçado a obra (falarei disso mais adiante). Acredito ser importante ter histórias como a de Denise presente em entretenimento e comédia sem ser o alvo das piadas e sim rindo junto.

Thanksgiving, em tradução seria Dia de Ação de Graças é um feriado que acontece na quarta quinta-feira do mês de novembro celebrado nos Estados Unidos da América, Canadá e Ilhas do Caribe o mesmo tem sua origem em 1945 como um dia de gratidão a Deus inicialmente pela colheita e as coisas boas ocorridas durante o ano com festas e muita comida principalmente o peru é um dia de ser celebrado junto a família. Aqui no Brasil não temos como tradição comemorar o Dia de Ação de Graças, mas no Natal (25 de dezembro) que aqui e em muitos países de cultura cristã celebra-se o nascimento de Jesus, o filho do deus cristão, e, assim, como no feriado estadunidense é um dia voltado a reunir a família e de agradecimento pelo ano que está perto de terminar.

Uma escolha muito importante da autora, porque além de ser um dia de reunir a família também é um dia que as pessoas podem estar abertas ao diálogo e podemos entender a escolha desta data como uma forma de Denise afirmar a importância da inclusão da mesma nessa tradição familiar.

Thanksgiving, conta a história de Denise, desde a sua infância até a idade adulta. Numa realidade matriarcal, Denise vive com sua mãe (Catherine) e avó (Ernestine). Em sua casa tem a presença constante de seu melhor amigo e vizinho o indiano (Dev) e recebem sempre sua tia (Joyce) para celebrar o feriado de Ação de Graças

(Thanksgiving). Na idade adulta, mesmo não morando com sua mãe, Denise permanece mantendo a tradição de reunir-se no feriado com a sua família e seu vizinho.

O episódio começa mostrando Ernestine sentada na sala vendo tv enquanto fuma um cigarro, na sequência vemos Catherine e Joyce, que questiona sobre onde está Denise ao que Catherine responde: Está lá em cima com o namoradinho. Deixando evidente que acredita que a filha seja heterossexual, ainda que seja muito cedo para expressar sexualidade. Joyce ironiza questionando: Espere, a Denise tem um namoradinho? Entendo que essa é uma primeira tentativa da tia de tirar Denise do armário ironizando o fato da mãe achar que Denise tem um namorado comportamento comum pelas pessoas ao redor de sujeitos dissidentes (OLIVEIRA, 2017; TAKARA, 2017).

Denise e Dev descem correndo as escadas, são repreendidos pela avó ao passar correndo pela sala até que chegam na sala de jantar e começam a conversar com a sua mãe. Catherine se mostra curiosa em saber se na comunidade indiana celebram o feriado como eles, Dev explica como passam o feriado em sua casa (sem celebrar, pois, seus pais são imigrantes indianos e não tem a tradição de comemorar um feriado estadunidense) e é convidado para celebrar com elas o feriado sempre que quiser. Denise pergunta a sua mãe:

Denise: - O que é Comunidade indiana?

Mãe: - Dev é indiano.

Denise: - Espere, achei que Dev fosse negro.

Dev: - Eu sou marrom.

Denise: - Pessoas negras são marrons também.

Mãe: - Santo Deus. Olhem vocês dois são minorias.

Denise: - O que é uma minoria?

Mãe: - Um grupo de pessoa que tem que batalhar duas vezes mais para conseguir a metade. E Denise, você é uma mulher negra, tem que batalhar três vezes mais (MASTER OF NONE, 2017, s/p.).

A conversa de Denise com sua mãe termina, a família senta-se à mesa para orar e comer. Uma criança negra não sabe o que é racismo e seus pais por mais que queiram prepará-la para o mundo, não existe um momento certo para falar de preconceito em suas diversas formas. A criança negra descobre o que é racismo quando acontece, e quando a agressão é sutil talvez ela nem a perceba de imediato ou sinta o desconforto sem saber nomeá-lo. Essa resposta da mãe de Denise acima é objetiva e simples, e se tratando de algo complexo intrínseco na mesma, racismo, sexismo e classe ela assim como muitas mães de pessoas negras sente a obrigação de ensinar aos seus filhos de alguma forma o funcionamento da sociedade em que vivemos.

Quando eu era criança em época de festa junina tínhamos as danças típicas, uma delas a quadrilha que em geral para dançar eram exigidos pares (menino e menina) e eu não conseguia dupla, pois ninguém queria ser o par da menina negra e isso não era dito por ninguém, mas perceptível visto que meninas brancas facilmente conseguiam par. Teve um ano que a professora perguntou na sala quem queria dançar, após a manifestação de interesse dos alunos ela avisou que formaria os pares.

Após ser designado a dançar comigo um menino branco, simplesmente desistiu de dançar sem dar nenhum motivo. Dias depois antes de começar o ensaio, uma menina branca que havia faltado no dia da escolha avisa a professora que quer dançar e para minha surpresa rapidamente o menino branco que havia me rejeitado volta a fazer parte da dança. Na época pensei que fosse por ele não ser meu amigo e/ou não gostar de mim, não me ocorreu que era racismo. E por anos acreditei em justificativas como está, era mais fácil pensar que existe um “gosto universal” que me excluía do que pensar que sofria racismo. Tanto o racismo estrutural, a LGBTfobia, misoginia, capacitismo, gordofobia e outras formas de preconceito são mascaradas socialmente por gosto: eu não sou racista, só não gosto de dançar com pessoas negras.

Essa falta de par me acompanhava a cada ano escolar, nesses tipos de apresentações de dança. Lembro de já ter me apresentado com uma menina vestida com

o traje típico caipira considerado masculino (calça jeans com remendos feitos de retalho de tecido e camisa xadrez), situação que era reprovada pela escola quando a sugestão de formar o par (menina e menina) partisse das alunas, mas que para estes casos (quando “faltava” meninos) era aceita. Só entendi anos depois que o fato de as meninas serem proibidas de performar outras feminilidades que não fossem a padrão na festa junina já era uma forma de invisibilizar e vigiar possíveis lesbianidades no ambiente escolar e que nossa sexualidade era vista, mas o racismo continuava invisível.

A minha exclusão na escola era real, seja pelo fato de ser negra ou por ser pobre, nunca houve intervenção por parte de professores e orientadores para episódios como este. Nesta escola que estudei durante aproximadamente dez anos tive apenas dois professores negros (professora de português/literatura e o professor de física) que não fizeram da minha vida escolar mais leve, pelo contrário pareciam dificultar não sei se como prova de que eram imparciais ou se para me preparar para o que viria. Esperava de meus professores negros o engajamento experienciado por:

Quase todos os professores da escola Booker T. Wash ington eram mulheres negras. O compromisso delas era nutrir nosso intelecto para que pudéssemos nos tornar acadêmicos, pensadores e trabalhadores do setor cultural - negros que usavam a "cabeça". Aprendemos desde cedo que nossa devoção ao estudo, à vida do intelecto, era um ato contra-hegemônico, um modo fundamental de resistir a todas as estratégias brancas de colonização racista. Embora não definissem nem formassem essas práticas em termos teóricos, minhas professoras praticavam uma pedagogia revolucionária de resistência, uma pedagogia profundamente anticolonial. (HOOKS, 2013, p 10-11)

Os únicos negros no corpo docente de aproximadamente trinta professores, orientadoras e diretoras todas brancas, uma inspetora de pátio negra, entre os funcionários da limpeza e zeladores perdi as contas de quantas pessoas negras trabalharam na escola. Eu sei que a falta de pessoas negras no corpo docente não justifica a falta de posicionamento diante de atitudes racistas ocorridas no espaço escolar.

Minha trajetória escolar foi marcada por momentos de tentar me encaixar em vão, oscilava em ser lida como orgulhosa (por não ter uma postura submissa) e a raivosa (por defender minhas ideias). E nem sabia que essas já eram faces do racismo, eu poderia ser aceita desde que encaixasse e me calasse, mas quando as atitudes racistas eram perceptíveis não hesitava em me posicionar.

Voltando ao episódio seis anos depois, o ano é 1995, a cena começa com Ernestine, Catherine e Joyce na cozinha finalizando as comidas. Catherine carrega um vestido aparentemente recém passado nas mãos e adentra o quarto de Denise, decorado com recortes de revistas e pôsteres de atrizes e cantoras da época.

Denise está com Dev em seu quarto assistindo um clipe do músico D'Angelo<sup>4</sup>, sua mãe os repreende e diz que são muito novos (doze anos) para entender de “Brown Sugar” (na tradução da legenda heroína). E completa dizendo a Denise que ela está encarando o D'Angelo, quando a cena volta para Denise o que se vê, é a mesma admirando as duas dançarinas do clipe que dançam de forma sensual. Na sequência Catherine sugere que Denise vista o vestido e desça.

A personagem experimenta o vestido, na cena, a câmera evidencia a parede de seu quarto coberta de pôsteres de atrizes e cantoras ao se olhar no espelho e ver sua imagem refletida exclama que aquilo é um absurdo, desce as escadas com um tênis, uma calça larga, um blusão e um boné para trás sua mãe ao lhe ver.

Catherine: - Essa não é a roupa que escolhi para você. O que aconteceu com aquele vestido bonito?

Denise: - Não cabia direito.

Catherine: - É melhor fazê-lo caber.

Denise: - Porque não posso usar isso? Somos só nós. O Arsênio não vem.

Dev: - Arsênio vem?

Denise: - Não.

Tia Joyce: - Deixe a menina usar o que quiser. E cuidado com seu tom.

Denise: - Obrigada, Tia Joyce (MASTER OF NONE, 2017, s/p.).

---

<sup>4</sup> D'Angelo cantor estadunidense do gênero musical Soul, R&B e Neo Soul. Seu álbum de estreia Brown Sugar foi lançado em 4 de julho de 1995.



Denise não performar a feminilidade padrão que Catherine espera dela causa um incômodo em sua mãe que em sua fala sobre as roupas de Denise associa o vestido com aquilo que é bonito/normativo e subentende-se que as roupas que ela veste são feias/fora da norma. Esta é uma das pedagogias que reforça a educação patriarcal, assim como ocorria na escola e a proibição das meninas de usarem o traje caipira típico considerado masculino. Performar ou não feminilidade essa feminilidade padrão, não deveria ser um indicativo da orientação sexual como lésbica, visto que mulheres heteros também não performam essa feminilidade padrão exigida pela norma.

Entendo que na série até como uma forma de artifício para identificar visualmente que Denise é diferente das mulheres da família além desse momento citado acima temos outros momentos em que se fala das roupas de Denise como na adolescência de forma a atrelar a sua não feminilidade padrão a sua orientação sexual, assim como podemos entender que o gênero é uma construção social podemos entender que a feminilidade também é imposta desde cedo e que desviar da mesma não interfere na orientação sexual.

Denise agora adolescente (16 anos) no ano 1999. A cena começa com Ernestine e Catherine na cozinha com os preparativos para o jantar. Em seu quarto (que permanece com os recortes de revista e pôsteres) esta Denise e Dev enquanto jogam cartas conversam, ela fala de seu interesse por uma menina da escola e que está gostando dela. Dev então tenta perguntar se ela é lésbica, mas antes que consiga falar a palavra lésbica Denise o interrompe e diz ser libanesa. Ele se mostra confuso e pergunta se ela é do Líbano, ao que ela nega e afirma ter problema com a palavra lésbica e que prefere dizer libanesa.

Acredito que está seja a forma que Denise encontra para mostrar ao seu amigo a dimensão desse deslocamento que sente e se coloca como alguém que pertence a outro país e continente.

Neste trecho Denise deixa explícito o quão forte é se assumir, pois ainda que entenda que é lésbica não usa a palavra. Esse receio em nomear-se é apresentado na pesquisa de Gilberta Santos Soares (2017) SAPATOS TEM SEXO? METÁFORAS DE GÊNERO EM LÉSBICAS DE BAIXA RENDA, NEGRAS, NO NORDESTE DO BRASIL com lésbicas na cidade de Natal-RN em que constata que, muitas das mulheres entrevistadas tinham também essa dificuldade com a palavra lésbica nomeando a si mesmas como as entendidas, Soares (2017, p. 104) cita Regina Facchini (2008) “[...] o uso do termo entendida para a suavização do impacto da informação sobre a sexualidade, mediante os preconceitos.”

Essa falta de referências e discussão sobre a homossexualidade na educação e nas mídias, faz com que o adolescente que não se encaixa na heterossexualidade fique a margem do entendimento primário da sexualidade e afeto, pois quando se tem essa discussão sobre sexualidade (em casa/escola), essa conversa é feita apenas para justificar a reprodução.

A manutenção da heteronormatividade é soberana e se dá principalmente pela invisibilização de outras orientações sexuais tornando quem desvia da norma como a outra e o apagamento de suas histórias de afeto, luta e sexualidade colocam em dúvida a existência da lesbianidade por meio da história. SOARES (2017, p. 27) cita GREEN (2000, p. 13), é preciso contar “[...] histórias de mulheres que amam mulheres e como elas lidam e vivem em uma sociedade que se cala sobre elas, embora saibam que elas existem”.

Com base nos modos de endereçamento em que um mesmo filme pode ter mais de um espectador, pensando no roteiro do episódio e como uma mídia é recebida pelo público que a assiste, vejo também como uma forma de linguagem lúdica utilizada no roteiro da série para que o entendimento de quem não é LGBTQIA+ sobre o sentimento de não pertencimento experimentado ao assumir sua orientação sexual pode ser

equivalente a negar suas origens (negritude), no caso de Denise se reinventando como alguém do continente asiático.

Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento-descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo. (HALL, 2016, p. 9)

Observamos, de acordo com os estudos culturais, dois deslocamentos de identidade: sexual e racial. Conforme Hall (2016, p. 16) cita Ernest Laclau (1990) Uma estrutura deslocada é aquela cujo centro é deslocado, não sendo substituído por outro, mas por "uma pluralidade de centros de poder".

Ainda nesse mesmo recorte da adolescência mostrada no episódio ao ser questionada por Dev, se diria a sua mãe, Denise fala da dificuldade que negros tem de falar sobre o assunto com seus pais, pelo fato dele e dela acreditarem que ser gay é escolha e que isso seria alguma falha na educação e criação dos mesmos. Denise continua a sua explicação “[t]udo é uma competição pra nós. E os filhos são como troféus. Ser gay estraga o troféu”. Problematizo que não são apenas pais negros a serem responsabilizados pela sociedade quando uma filha/um filho revela sua orientação sexual, recai principalmente sobre a mãe a responsabilidade como aborda Cornejo (2012, p. 80-81) em A Guerra declarada contra o menino afeminado:

Eu não fui o único patologizado por estes professores, psicólogas e psiquiatras, o foram também meus pais, e especialmente minha mãe. Figuras como as do “pai ausente” ou “mãe superprotetora” não tardaram a aparecer como explicações de (pois teria que ser explicado) meu afeminamento. (...) Assim, “a verdadeira vilã é a mãe que se ‘gratifica’ muito com seu filho” (Newton 2000: 191, tradução minha). (...) A ela se dirigiam, e sobre ela recaíam as atribuições de culpa e responsabilidade. E de que a culpavam realmente? Talvez por atribuir a ela aquele que é considerado o pior dos crimes: matar a seu próprio filho. Nas palavras de Edelman “[Se] representa a homossexualidade masculina através da figura de uma mãe que mata seu filho, e quem, portanto participa na destruição de continuidade familiar (patriarcal)”. (1994: 167, tradução minha). (...) Minha mãe era assim

patologizada por seu generoso afeto, que por estes “profissionais da saúde” será chamado super proteção e excessiva arrogância, (...) Não era só era meu gênero aquele a ser disciplinado, o dela também o era.

Enquanto a lesbianidade e demais orientações sexuais desviantes da norma são tratadas como um defeito e anormais a busca por culpados não cessa e a vigilância desses corpos permanece em todos os ambientes.

Fortemente "atravessado" por escolhas morais e religiosas, o tratamento da sexualidade nas salas de aula geralmente mobiliza uma série de dualismos: saudável/doentio, normal/anormal (ou desviante), heterossexual/homossexual, próprio/impróprio, benéfico/nocivo, etc. A partir das mais diversas estratégias ou procedimentos, usualmente buscando apoio em pesquisas ou dados "científicos", procede-se a uma categorização das práticas sexuais, dos comportamentos e, por conseqüência, das identidades sexuais. O modelo normal" é a família nuclear constituída por um casal heterossexual e seus filhos. Essa forma de organização social é, na verdade, mais do que normal, ela é tomada como natural. Processa-se uma naturalização — tanto da família como da heterossexualidade — que significa, por sua vez, representar como não-natural, como anormal ou desviante todos os outros arranjos familiares e todas as outras formas de exercer a sexualidade. (Louro, 1997, p 133 – 134)

Esse sentimento de inadequação perdura ao longo da vida de homossexuais e faz com que as relações em casa, escola, trabalho sejam afetadas. Na série a saída do armário de Denise para o amigo acontece de forma simples Dev, “Acho que ser libanesa não estraga o troféu. Tem muitos troféus heteros. Acho legal você ser um troféu libanês.” Assim encerro o trecho sobre a adolescência de Denise.

No ano de 2006, Denise está na faculdade e possui 23 anos na cena está com a mãe em um café:

Catherine: - Que bom que está na faculdade, e não grávida ou usando drogas.  
Denise: - Não vou ficar grávida.  
Catherine: -Por quê? Está usando DUI?  
Denise: -Antes de tudo não é DUI. É DIU.  
Denise: - Não tem se preocupar com gravidez pra mim  
Catherine: -Você encontrou Jesus. Está se guardando.  
Denise: - Não! Não sei porque fica me perguntando isso.

Denise: - Não vou ficar grávida porquê... Não gosto de transar com homens.  
Catherine: - Já tentou?  
Denise: - Não.  
Catherine: - Então como sabe que não gosta?  
Denise: - É só algo que eu sei. (MASTER OF NONE, 2017, s/p.).

Acredito que assim como nos modos de endereçamento e como a própria autora afirma que essa história era apenas para si, a presença da insistência de que se deveria experimentar a heterossexualidade se repetem constantemente ainda que em contextos diferentes para homossexuais. Na série Denise escuta da mãe.

O que essa pergunta esconde é o preconceito e a reafirmação da norma como a única possível, visto que se a devolutiva fosse o perguntando o contrário: e você já transou com alguém do mesmo sexo? Como sabe que não gosta? É tido como ofensa para a mesma pessoa que se vê no direito de falar isso a você LGBTQIA+. Eu já escutei a frase de alguns colegas e pensei exatamente assim o quanto eles se sentem hegemônicos no direito de nos questionar, mas não se dispõem a ser questionados é como se o fato de desviar da norma abrisse precedente para discussão da vida sexual.

A conversa entre as duas continua.

Catherine: - O que está tentando dizer?  
Catherine: - Qual é o problema?  
Denise: - Fico irritada de precisar ter essa conversa com você.  
Catherine: - Que conversa? Estou normal. Você que está agindo como uma louca.  
Denise: - Mãe? Eu sou gay.  
Catherine: - Você é o que?  
Denise: - Eu sou gay. Sempre fui gay. Mas ainda sou a mesma pessoa. Ainda sou sua filha. Nada mudou.  
Mãe de Denise chora  
Denise: - O que foi? Mãe, por que está chorando?  
Catherine: - Não quero que a vida seja difícil para você. Já é difícil ser uma mulher negra nesse mundo. Agora você quer dificultar mais ainda.  
Denise: - Não é como se eu tivesse escolha? É só quem eu sou.  
Catherine: - Para quem mais você disse isso? Não pode contar para a sua avó  
Denise: - Por quê?  
Catherine: - Ela não vai saber lidar com isso. Sabe como ela é esquecida. Vai ter que sair do armário toda semana.  
Denise: - Verdade. Ela esquece as coisas. (MASTER OF NONE, 2017, s/p.).

Nesse momento em que Denise sai do armário, sua maior preocupação é que sua mãe entenda que nada mudou no relacionamento mãe e filha e que sua orientação sexual não é uma escolha, pois a mesma sabe que este é um pensamento comum na sociedade. Catherine por sua vez se preocupa com as dificuldades que ela possa enfrentar em sua vida agora que o marcador de sexualidade da sua filha também não é o dominante. Parafraseando a própria Catherine conversando com a Denise na infância “[...] minoria é um grupo de pessoa que tem que batalhar duas vezes mais para conseguir a metade.” E Denise, você é uma mulher negra e lésbica, tem que batalhar quatro vezes mais.

Quando me assumi para minha mãe, em 2015, a resposta que ouvi foi um silêncio de alguns minutos e depois ela disse para mudarmos o assunto pois havíamos chegado em nosso destino. Para mim estava tudo bem, minha mãe se mostrava ser muito aberta, convive com diversos amigos gays meus e da minha irmã. Na época não tinha dimensão do que poderia significar pra ela ter uma filha que por 26 anos se declarava hetero se assumir lésbica, morando em estados diferentes ela em Rondônia e eu no Rio de Janeiro não tinha como atualizar minha mãe sobre minha trajetória até mesmo o momento que assim como Denise não me sentia à vontade com a palavra lésbica e me declarava bissexual.

A heterossexualidade compulsória que me declarou hétero antes que eu pudesse me questionar e o medo de acrescentar mais um marcador a minha existência (mulher + negra + pobre) e, agora lésbica, me distanciavam de viver plenamente minha sexualidade.

Na aula inaugural de 2019 da pós-graduação em Gênero e Diversidade na Escola da Unir, *Campus* Rolim de Moura cujo título é "Uma educação para questionar o contemporâneo: discursos de ódio, impactos e resistências, ministrada pelo Prof. Dr. Samilo Takara que em diversos momentos afirmou sua identidade “sou uma bixa doutora”, comecei a entender a importância de afirmar nossa identidade principalmente

na academia e ao rebater uma fala racista pude declarar os marcadores que me constituem em voz alta, afirmar nossa identidade é uma forma de resistência política mulher + negra + pobre + lésbica. Não nos querem nos espaços público/acadêmico/social, mas esconder quem somos impede que deixemos de ser apenas nossa sexualidade.

O entendimento dessa questão da soma de mais um marcador aconteceu na primeira viagem que fiz com uma namorada próximo do meu aniversário fomos a uma cidade vizinha considerada interior, assim como Cacoal, para passar um final de semana. Logo na recepção do hotel o primeiro constrangimento primeiro por parte de um homem branco que ao chegar com sua família simplesmente ignorou nossa existência e passou em nossa frente solicitando o quarto antes deixando óbvio que duas mulheres negras não podem ser respeitadas e atendidas antes dele mesmo tendo chegado antes.

Ainda na recepção o despreparo da atendente era evidente, ao pedirmos um quarto a atendente fez questão de questionar se era um quarto para cada, ao que respondemos que não. E especificamos nosso desejo de um quarto para duas, ao que ela indaga com duas camas de solteiro? E, mesmo respondendo que gostaríamos de um quarto com cama de casal, ela fez questão de indagar novamente sobre as camas separadas.

Nessa mesma noite não consegui adormecer rápido, toda essa situação inicial o fato de sermos lésbicas e negras me deixaram apavoradas sobre o que poderia acontecer conosco ao despertarmos a lesbofobia das pessoas daquela cidade. Primeiro, por conta do racismo e a coincidência dos sobrenomes nos leriam como irmãs ou parentes, ao ver nossas mãos dadas ou alguma pequena carícia trocada por nós se considerariam enganados, mas para não restar dúvida nos perguntariam e meu engajamento com a causa não me permitiria mentir como defesa os cenários passíveis de tragédias vinham em minha mente como manchetes de jornais sensacionalistas.

Mesmo essa narrativa fazendo parte do meu imaginário o medo era real, assim como a contração de todos os meus músculos, a disritmia cardíaca e a tristeza de constatar que isso é uma realidade para muitas lésbicas e, também, poderia ser a nossa em algum momento da vida. Adormeci com o questionamento se algum dia será possível que eu saia/viaje com uma namorada ou esposa sem despertar todo esse medo em mim e o preconceito ao redor? O fato de ser mulher nos coloca em situações de medo, não deveríamos, mas vivemos com esse medo que ao longo da vida passa ser um *modus operandi* de defesa. Mas a LGBTfobia somado as opressões de antes resultaram nesse medo que para mim é novo, nos esconder não nos protege.

Voltando ao episódio a cena continua e a sequência mostra Denise abalada após a conversa com a mãe contando ao Dev, eles estão em seu quarto que possui uma decoração mais sóbria.

Dev - Então como foi?

Denise: - Não foi a melhor das conversas com a minha mãe, mas foi tudo bem. Mas ela chorou.

Dev: - Nossa.

Denise: - Imaginei que fosse. Ela é chorona

Dev: - Ela disse que ama você, apoia você de qualquer forma e todas essas coisas?

Denise: - Não, cara. Não é um episódio de *Growing Pains*. Ela não disse nada disso. Mas ao menos não me renegou. Isso poderia ter acontecido. Então, acho que foi um sucesso (MASTER OF NONE, 2017, s/p).

A conversa de Denise e Dev acima concretiza a conversa tida por eles na adolescência, em que ela diz ao amigo que pessoas negras são diferentes ao lidar com estes assuntos e Dev traz exatamente o ideal de algumas mídias gay realizadas por pessoas brancas que nesse momento de saída do armário é cheio de aceitação imediata, por isso Denise diz a Dev que não esperava tal reação e o situa lembrando ao amigo que sua vida não é um episódio de *Growing Pains* série estadunidense exibida de 1985 à 1992 com o elenco majoritariamente de pessoas brancas retratando suas subjetividades diante dos problemas.



A cena continua agora com Joyce e Catherine na cozinha, enquanto preparam a ceia conversam sobre a orientação sexual de Denise. Após Joyce dizer que não conhece nada sobre, Catherine se questiona onde errou ao que tia responde com pontos positivos da sobrinha “Denise nunca foi presa, está na faculdade, trabalha e respeita os mais velhos. Se ela quer se deitar com mulheres isso é problema dela” (MASTER OF NONE, 2017, s/p.). É como no movimento *don't ask, don't tell*<sup>5</sup> (DADT, em português: Não pergunte, não conte) no caso a tia diz a mãe que “aceite” e não fale mais no assunto.

Catherine insiste em se culpar, questiona se foi a falta de tempo com a filha ou até o fato de não ter tido um marido (segurar um homem), Joyce responde que ela passou sim muito tempo com a filha e que a questão de ter ou não um marido não tem nada a ver com o fato de a Denise ser gay<sup>6</sup> (lésbica).

Joyce instiga Catherine, logo, Denise traz uma namorada para apresentá-la e Catherine diz “[...] só espero que não seja branca, não quero saber de nenhuma Jennifer em minha mesa” (fazendo alusão ao poster da atriz Jennifer Aniston que decorava o quarto de Denise na adolescência).

Nesse momento do episódio em que Denise conversa com sua mãe e Dev e, na sequência, Catherine conversa com a tia Joyce são partes importantes para entender como os modos de endereçamentos se desdobram em uma única trama o episódio também pode pensar que eu sou essa mãe, a tia ou o amigo. A mãe que preocupada com a filha teme que o mundo fique ainda pior e no seu íntimo pela falta de conhecimento tenta procurar onde errou na educação ou qual a culpa tem pela sexualidade da filha ser diferente da sua. Sua tia que para usar como argumento de defesa utiliza a máxima de Denise ser uma boa pessoa e que isso não deveria ser da conta delas remetendo ao

---

<sup>5</sup> *Don't ask, don't tell* (em português: Não pergunte, não conte) o termo era utilizado para a antiga política de restrição das forças armadas dos Estados Unidos para esforços de descobrir ou revelar membros ou candidatos homossexuais e bissexuais, enquanto restringe aqueles que são abertamente homossexuais ou bissexuais do serviço militar. Fonte: Wikipedia.

<sup>6</sup> Reproduzo a forma como foi falado na série, visto que nos Estados Unidos da América gay também é usado como sinônimo de homossexual englobando lésbicas e bissexuais.

público/privado se ela estiver no armário para o mundo está tudo bem e é como se ela não pudesse cometer erros, pois os mesmos se somariam a sua orientação sexual como se a mesma significasse um erro. Ernestine a avó, que conforme Catherine afirma por conta do problema de memória Denise teria que sair do armário toda vez que as visitasse, a avó é a única da família que quando Denise leva sua primeira namorada a acolhe e se mostra feliz pela neta. E Dev que mesmo apoiando e sendo empático com a situação não possui conhecimento além daquele baseado nas informações que obteve das mídias que costuma assistir.

O medo de Denise de ser renegada por sua mãe é o mesmo que muitas lésbicas sentem e ser renegada não é a única violência que ocorre nesse momento. Soares (2017, p. 217) “[é] significativo que as reações mais contundentes da família a lesbianidade, com o castigo físico e mecanismos severos de punição, tenham sido descritas pelas interlocutoras negras, como a aplicação da surra, a denúncia à polícia e o isolamento”.

A violência descrita na pesquisa é vista em diversos filmes que abordam assuntos LGBTQIA+. Mesmo que nestes filmes o objetivo consciente seja outro ao assistir histórias de personagens LGBTQIA+ com finais em que os personagens sofrem violências físicas e psicológicas, tragédias, solidão, doenças e morte precoce. Inconscientemente passamos a acreditar que este é único futuro possível para nós LGBTQIA+ e fugir disso é instintivo.

Quando adolescente assisti ao filme Meninos Não Choram<sup>7</sup> (Boys Don't cry - 1999) me comovi, assustei e temi pela vida de Brandon, mas com distanciamento a identificação por menor que seja é suprimida pelo desejo de não terminar como ele. No filme Brandon Teena homem transsexual tem o final que a heteronormatividade incuti às pessoas LGBTIA+. No início deste artigo citei que a falta de semelhanças é um dos

---

<sup>7</sup> Meninos não choram é o título em português para Boys Don't Cry filme estadunidense lançado em 1999, um drama biográfico que conta a história de Brandon Teena homem transsexual (interpretado por Hilary Swank).

fatores que nos afasta da história e da identificação com personagens e histórias que se assemelham as nossas.

Mas os filmes tradicionais de Hollywood não pecam apenas por omissão. Eles também pecam por repetidamente darem a entender, por meio da exclusão ou do ridículo ou da punição inscrita na narrativa, que ser uma garota (ou ser negro/a, ou gay, ou gordo/a, ou falante de espanhol, ou ser uma ou outra dessas identidades) não é a coisa certa. Ou ser um tipo particular de garota ou garoto ou latino/a ou gordo/a pode ser certo, mas ser outro tipo não. (ELLSWORTH, 2001, p. 26)

Lena Waithe trouxe uma história diferente desse endereçamento, mostrando que à esta mulher negra e lésbica o amor pode sim ser uma realidade, com possibilidade de futuro e que Catherine ficou feliz pela filha. A história não precisou ter um fim diante da tela para que o espectador entendesse que a vida de Denise continua. Referência positivas como está em que a escrita, atuação e/ou direção são realizadas por pessoas abertamente LGBTQIA+ incentivam e encorajam que mais histórias como está sejam contadas. Diferentemente do que a heterossexualidade compulsória é capaz de operar nos corpos como obrigatoriedade se questionar ao assistir roteiros como este faz parte do devir humano e de todas as mudanças ao longo da vida.

### **Considerações Finais**

Com o presente artigo fazendo a análise do episódio Thanksgiving, falei de coisas que eu achava que só eu sentia, assim como Lena Waithe sobre seu roteiro eu poderia dizer que esse artigo seria somente para que eu pudesse fazer as pazes com meu passado, mas acredito ter ido além. A vida já é dura demais quando se é negra, a gente passa mais tempo sobrevivendo e lutando para permanecer viva do que tentando ir de encontro com nossas subjetividades. Eu tive uma educação normativa e minhas

referências de sessão da tarde e comédias heteros estadunidenses não me ajudaram, quando nessa fase por pouco que fosse ainda tinha tempo.

As pessoas são diferentes e para algumas os processos são mais rápidos quase orgânicos para outras demora, eu passei muito tempo sem pensar minhas vivências, porque sim eu preciso de entendimento mínimo de qualquer coisa que me proponha a fazer assim foi com os patins na infância meus irmãos tentaram me explicar/ensinar, mas, infelizmente não foi suficiente eles dizerem que um pé depois o outro e eu estaria patinando. Eu só fui conseguir patinar cerca de quinze anos depois em idade adulta, um amigo disse que um pé seria para dar impulso quase como um chute para trás e que o outro pé eu deixasse deslizar à frente e que semiflexionar o joelho também ajuda e que se precisasse parar, além de utilizar o freio, parar de impulsionar com um dos pés e mantê-los paralelos a velocidade diminui até parar. Isso me fez patinar.

O que pretendo com este exemplo é justamente explicitar que para mim a heterossexualidade compulsória foi o equivalente a uma explicação bem feita e que a mim não caberiam questionamentos mesmo quando essas certezas caíram em contradição eu passei a tentar patinar novamente, mas eu já não sabia andar e essa pesquisa bem como todo o processo da pós em Gênero e Diversidade na Escola recém concluída foram sim o real ensinamento, mas assim como não virei uma patinadora sobre os meus estudos minhas escrevivências prefiro acreditar que estou dando os primeiros impulsos.

A menina que fui aos treze anos teria ouvido tudo isso, quem sabe consumido mídias sobre o tema se elas existissem e talvez teria entendido ou questionado sua sexualidade ali. Minhas contribuições são que essa voz/escrita que fala de diversidade precisa chegar a mais pessoas e a educação pode possibilitar que esses diálogos aconteçam. Acredito que identificar que todos somos parte do problema ao reproduzir racismo, sexismo, classismo e lgbtfobia e que todos podem contribuir na busca por soluções.

E, assim como Lena Waithe descobriu que sua história não era única e que aquela poderia ser a história de muitas mulheres negras e lésbicas a partir do momento que escreveu o episódio, quero acreditar que eu possa fazer o mesmo com este artigo. Se contribuir com uma única pessoa além de mim já me sentirei grata.

## Referências

- CAROLINE, Odhara 2017 <http://valkirias.com.br/lena-waithe/> . Acesso em: 25 de agosto de 2019
- CORNEJO, Giancarlo. A guerra declarada contra o menino afeminado. In: MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora; UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2012 (73-82).
- ELLSWOTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. (7-76).
- HALL, Stuart **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HOOKS, bell **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade / bell hooks ; tradução de Marcelo Brandão Cipolla**. - São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- IPÓLITO, Jéssica 2016 **Enegrecendo o 29 de agosto: negras lésbicas na construção da visibilidade** Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/08/29/enegrecendo-o-29-de-agosto-negras-lesbicas-na-construcao-da-visibilidade/> Acesso em: 30 de Julho de 2019.
- JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília, 2012.
- LOURO, Guacira Lopes **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.
- OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. 2017 **O diabo em forma de gente: (r) existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. – Curitiba, 2017. 190 f. <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/47605/R%20-%20T%20-%20MEGG%20RAYARA%20GOMES%20DE%20OLIVEIRA.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 20 de dezembro de 2019.
- REINHOLZ, Fabiana 25 de julho: **A visibilidade da mulher negra e a luta para romper o silêncio** <https://www.brasildefato.com.br/2019/07/25/25-de-julho-a-visibilidade-da-mulher-negra-e-a-luta-para-romper-o-silencio/> Acesso em: 30 de Julho 2019.
- SALMAZIO, Camila 2018 “Tem existido resistência das mulheres negras lésbicas das quebradas”, diz ativista <https://www.geledes.org.br/tem-existido-resistencia-das-mulheres-negras-lesbicas-das-quebradas-diz-ativista/> Acesso em: 30 de Julho 2019.
- SOARES, Gilberta Santos, 2017 **Sapatos tem sexo? Metáforas de gênero em lésbicas de baixa renda, negras, no nordeste do Brasil**. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/23896> Acesso em: 10 de dezembro de 2019.
- SOARES, Mayana Rocha. BRANDÃO, Simone. FARIA, Thais. (Orgs.) **Lesbianidades plurais: outras produções de saberes e afetos**. 1ª edição/Salvador – BA Editora Devires 2019

SOARES, Mayana Rocha. BRANDÃO, Simone. FARIA, Thais. (Orgs.) **Lesbianidades plurais:** abordagens e epistemologias sapatonas. 1ª edição/Salvador – BA Editora Devires 2019.  
SWAIN, Tania Navarro. **O que é lesbianismo.** 1. reimp. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.  
TAKARA, Samilo. Histórias de meninos afeminados: resistência e política nas leituras de artefatos culturais. Entrelaces. v. 2, n. 9. UFC, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/entrelaces/article/view/6353> Acesso em 23 de janeiro de 2021.

### **Black lesbian representation in the media: other possible femininities**

**Abstract:** This article seeks to problematize black lesbian representation from the media analysis of the Thanksgiving episode of the Master of None Netflix series (2017) that tells the story of Denise, a black woman and lesbian from her childhood to adulthood. Denise receives demands from her mother to fit into standard femininity mainly through her dress. Using as methodological basis the models of dressing, which consists in answering the question: Who does this film think I am? I problematize how the markers of gender, sexuality, and race intersect in the oppressions experienced by black lesbian women.

**Keywords:** Education. Media. Black lesbians. Racism. Sexualities.

Recebido: 20/06/2021

Aceito: 11/03/2022